



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

O BRINCAR ENQUANTO INSTRUMENTO MEDIADOR NA
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DAS CRIANÇAS
SURDAS.

Luciana Aguiar Rodrigues

GRAVATAÍ, RS, Brasil

2010

O BRINCAR ENQUANTO INSTRUMENTO MEDIADOR NA
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DAS CRIANÇAS
SURDAS.

por

Luciana Aguiar Rodrigues

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

**GRAVATAÍ, RS, Brasil
2010**

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização

O BRINCAR ENQUANTO INSTRUMENTO MEDIADOR NA
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DAS CRIANÇAS SURDAS.

elaborado por

Luciana Aguiar Rodrigues

como requisito parcial para obtenção do grau de

Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação
de Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Carmen Rosane Segatto e Souza
(Presidente/Orientador)

Prof.^a. Cléia Margarete Macedo da Costa Tonin

Prof.^a. Priscila Turchiello

GRAVATAÍ, RS, Brasil
2010

1. RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

O BRINCAR ENQUANTO INSTRUMENTO MEDIADOR NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DAS CRIANÇAS SURDAS.

AUTOR: Luciana Aguiar Rodrigues
ORIENTADOR: Carmem Rosane Segatto e Souza
Gravataí, RS, 2010

Por meio deste estudo, pretende-se abordar sobre a importância do brincar para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor das crianças surdas, buscando subsídios para a reflexão de aspectos sócio culturais afetivos e históricos, que envolve todo o processo no jogo simbólico. Optou-se por uma pesquisa bibliográfica fundamentada em teóricos que discorrem sobre o assunto tais como: a Wajskop (1999), Vasconcellos (1995); Vygostsky (1998); entre outros. O estudo das representações simbólicas do brincar é relevante para que se possa refletir sobre o fazer educativo, em quaisquer instâncias, como família e escola. O jogar é essencial para que a criança manifeste sua criatividade, utilizando suas potencialidades de maneira integral. E somente sendo criativo que a criança descobre seu próprio eu.

Palavras-chave: Ludicidade; Brincadeira; Aprendizagem; surdez.

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	3
2. APRESENTAÇÃO	5
3. CAMINHOS METODOLOGICOS	7
4. REFERENCIAL TEÓRICO	8
4.1 A Trajetória histórica do brincar e a mudança de olhares na educação de surdos	8
4.2 O olhar atento do professor nas brincadeiras de faz de conta	12
4.3 A Importância do lúdico como forma de aprendizagem na educação infantil de crianças surdas	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
6. REFERÊNCIAS	21

2. APRESENTAÇÃO

O presente artigo monográfico aborda o tema “o brincar enquanto instrumento mediador na construção do conhecimento das crianças surdas”.

O interesse pelo tema surgiu pela admiração e encantamento da forma que a criança relaciona-se no jogo simbólico, assim, o professor propiciará o aprendizado significativo e compreenderá o quanto é relevante o lúdico nesta fase.

Neste trabalho almeja-se contribuir de alguma maneira para formação de novas posturas para o campo educacional infantil, enfatizando a atividade simbólica como necessária e primordial para as crianças surdas e como instrumento facilitador da aprendizagem, ressaltando o brincar como uma forma prazerosa, no qual as crianças interagem com o mundo e fazem suas próprias descobertas.

A ludicidade é um tema que vem ganhando espaço, principalmente na educação infantil, e esse trabalho visa, portanto salientar uma mudança necessária no âmbito educacional, auxiliando não só na aprendizagem, mas também no desenvolvimento social, pessoal e cultural da criança.

Esse processo de utilizar o brinquedo como mediador da aprendizagem é uma ponte para que o professor tenha como auxílio promover mudanças em seu trabalho pedagógico.

A partir do exposto acima se estabeleceu o seguinte problema de pesquisa: como o brincar enquanto instrumento mediador na construção do conhecimento interfere na aprendizagem das crianças surdas.

Este artigo tem como objetivo geral: evidenciar a importância do brincar no desenvolvimento de crianças surdas. Como objetivos específicos: ressaltar a brincadeira como uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento e estimulação do aprendizado das crianças na fase da educação infantil, investigar a importância do olhar atento do professor e destacar a importância do brincar enquanto instrumento mediador na construção do conhecimento das crianças surdas.

Para a realização desse estudo, optou-se pela pesquisa bibliográfica, buscando subsídios de reflexão de aspectos sócios culturais, afetivos e históricos de alguns autores que defendem a importância do brincar para o desenvolvimento, cognitivo e psicomotor da criança.

Para a compreensão dessa perspectiva, assim como para obter-se o conhecimento acerca do lúdico ao longo da história da infância, o estudo a seguir encontra-se organizado em tópicos, além dessa introdução. É apresentado um relato histórico da brincadeira, o olhar atento do professor como mediador do processo do ensino e a importância do brincar como forma de aprendizagem e esse como facilitador para a aquisição do conhecimento, por último as considerações, onde são apresentadas as reflexões da autora sobre o tema.

3. CAMINHOS METODOLOGICOS

Por meio deste artigo pretende-se investigar a importância do brincar para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor da criança, buscando subsídios para a reflexão de aspectos sócios culturais afetivos e históricos.

Essa leitura estabeleceu-se de forma bibliográfica, salientando através de alguns autores a importância de um ambiente rico em jogos e brincadeira, como subsídios para a aquisição do conhecimento.

A questão da pesquisa demonstra a paixão pela educação infantil relacionado ao ato de brincar.

As opções teóricas que se definiu como subsídio, partiu da experiência docente no campo educacional infantil.

A pesquisa bibliográfica é de suma importância para a educação, pois pesquisar significa analisar constantemente a postura que está se tendo diante dos alunos e principalmente, não se satisfazer com aparências, é necessário desacomodar o que está acomodado, pois somente assim encontraremos subsídios palpáveis para delinear novos caminhos na nossa ação pedagógica.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A Trajetória histórica do brincar e a mudança de olhares de surdos

Na Antigüidade, as crianças participavam das mesmas brincadeiras dos adultos. Toda a comunidade participava das festas e brincadeiras, com a finalidade de estreitar os laços afetivos (Áries 1981).

Os humanistas do Renascimento perceberam as possibilidades educativas dos jogos e passaram a utilizá-los. Passou-se a considerar as brincadeiras e jogos como uma forma de preservar a moralidade dos "miniadultos", proibindo-se os jogos considerados "maus" e aconselhando-se aqueles considerados "bons" (WAJSKOP, 1995, p. 63).

Houve uma preocupação com a moral, a saúde e o bem comum e passou-se a elaborar propostas baseadas no jogo especializado, de acordo com a idade e o desenvolvimento da criança. Wajskop (1999) acrescenta ainda que, na época que antecede à sociedade industrial, o período da infância limitava-se apenas a mais tenra idade, quando a criança necessitava dos cuidados básicos essenciais à sua sobrevivência. Tendo suas condições físicas garantidas, a criança passava então a dividir o mesmo espaço social com os adultos, entre jogos e brincadeiras, sob o pretexto de uma melhor socialização.

Durante muito tempo, o brincar foi visto apenas como uma recreação ou um momento em que se livrava a criança das preocupações do mundo adulto. É com esse pensamento que o Romantismo considera que a criança é um ser frágil e rico em pureza, e, dessa forma, a brincadeira passa a ter o papel de resguardar a inocência infantil. No entanto, a natureza desse pequeno ser não era prioritária, e a sua espontaneidade era ignorada, pois não lhe era atribuída uma singularidade, ou seja, não se respeitavam os aspectos particulares dessa fase em que se fundamenta a base da educação humana.

Segundo Wajskop (1999, p.19)

[...] é apenas com a ruptura do pensamento romântico que a valorização da brincadeira ganha espaço na educação das crianças pequenas.

Anteriormente, a brincadeira era geralmente considerada como fuga ou recreação, e a imagem social da infância não permitia a aceitação de um comportamento infantil, espontâneo, que pudesse significar algum valor em si.

Somente com o rompimento do pensamento romântico que se deixou de ver a brincadeira apenas como um ato lúdico. Ela passou a ser valorizadas no espaço educativas e atribuídas um valor social à brincadeira infantil. Portanto, esta passa a ser vista não somente como uma proteção para a criança, mas também como uma forma de ser reconhecido um espaço social. Wajskop (1999) aborda que, a partir dos trabalhos de Comenius (1593), Rousseau (1712) e Pestalozzi (1746), as brincadeiras, de uma maneira geral, passam a ser incluídas na educação das crianças, e a diversão e os brinquedos surgem como forma de protegê-las dos conflitos sociais.

Nesse sentido, Wajskop (1999, p. 21) afirma que:

A criança passou a ser, a partir dessa época, cidadã com imagem social contraditória, uma vez que ela era, ao mesmo tempo, o reflexo do que o adulto e a sociedade queriam que ela fosse e do que temiam que ela se tornasse. As crianças eram vistas, ao mesmo tempo, livres para se desenvolver e educadas para não exercerem sua liberdade.

Segundo Wajskop (1995), pesquisadores como Comenius, Rousseau e Pestalozzi, contribuíram para a valorização da infância. Baseados numa concepção idealista e protetora da criança propuseram uma educação dos sentidos, utilizando-se de brinquedos e centrada na recreação. Iniciou-se, assim, a elaboração de métodos próprios para a educação infantil. Com essas idéias é que se passa a ver a educação das crianças pequenas como características particulares, não mais como a educação dos "adultos em miniatura".

Wajskop (1999, p. 22), referindo-se ainda aos três educadores, afirmam que "Fröebel, Montessori e Decroly contribuíram, e muito, para a superação de uma concepção tradicionalista de ensino, inaugurando um período histórico no qual as crianças passaram a ser respeitadas e compreendidas enquanto seres ativos".

Segundo Wajskop (1999), ainda nos anos de 1970 os pensamentos desses autores, através do movimento da Escola Nova, influenciaram a educação brasileira. Os materiais didáticos, porém passaram a ser utilizados aleatoriamente, pois não eram vinculados aos processos cognitivos. Tratava-se de uma nova visão

da educação, o que leva um determinado tempo para ser interpretado corretamente. Mas, atualmente, devemos compreender que as idéias desses pedagogos sobre a utilização de jogos e materiais didáticos devem ser postas em prática dentro de um contexto, para que as crianças possam atribuir um significado ao que lhes está sendo ensinadas.

Apesar da grande contribuição que os materiais didáticos, em geral, proporcionam para a educação infantil, os professores não devem se limitar ao seu uso, sob pena de estarem diminuindo as habilidades da criatividade e da imaginação das crianças, impedindo-as de possuírem autonomia com relação à brincadeira.

Conseqüentemente, as escolas que adotam as teorias froebelianas permitem o brincar com atividades orientadas e também livres. Os brinquedos são vistos como suporte para a ação do brincar, proporcionando a aquisição de habilidades e conhecimentos.

No século XIX, durante a Guerra Civil, aparece nas creches da época, o brincar supervisionado. Nesse período, apenas esse brincar era considerado educativo.

Segundo Kishimoto, citado por SANTOS (1999, p. 30), no Brasil:

Os jardins de infância froebelianos penetram nas instituições particulares, como inovação pedagógica, destinadas à elite da época, como forma de mostrar a modernidade da escola, que oferece um curso semelhante ao divulgado no então modelar sistema educacional americano.

O movimento da Escola Nova deu continuidade à concepção de criança lúdica, já implantada por Fröbel.

WAJSKOP (1995), diz que Dewey, discípulo da Escola Nova, concebia a brincadeira como uma ação livre e espontânea. A brincadeira era vista como a expressão dos sentimentos, necessidades e interesses da criança.

As idéias da Escola Nova ganharam força no Brasil na década de XX. Os jogos ganharam força e eram utilizados como meio de ensino.

A concepção de criança surda e sua educação também sofreram mudanças com o tempo.

Até meados do século XX, falar em educação de surdos significava relatar métodos de oralização e medicalização, baseado em uma visão clínica da surdez, que buscava a normalização da criança surda.

Nos últimos trinta anos, o estudo da língua de sinais, das comunidades surdas, e as contribuições da psicologia e da sociologia possibilitaram pensar a criança surda na educação através de um novo paradigma, alicerçado numa visão sócio antropológica de surdez que considera o seu desenvolvimento cognitivo equivalente ao de crianças ouvintes, devendo ser respeitada como integrante de uma minoria lingüística e cultural.

Com relação a esta nova visão, Skliar (1999), propõe que a surdez seja entendida como uma experiência e uma representação visual, de acordo com concepções sociais, lingüísticas e antropológicas.

A partir daí tornou-se possível planejar a educação de surdos, em todas as suas etapas, considerando pressupostos pedagógicos e não clínicos.

A educação infantil passou a ter um papel fundamental na educação da criança surda, tendo em vista que a maioria delas pertence a famílias de ouvintes, os quais não tem conhecimento da língua de sinais, que é a língua natural da pessoa surda. Levando em conta que o período crítico para a aquisição da primeira língua vai até mais ou menos cinco anos de idade.

Para que a educação infantil na escola para surdos possa cumprir o seu papel é necessário que se observe aspectos importantes como o ingresso das crianças na escola em idade adequada, o serviço de apoio psicológico, pedagógico e fonoaudiológico oferecido aos pais, a formação do educador, que servirá de modelo lingüístico para as crianças e o contato com os seus pares no seu grupo e nos grupos mais avançados da escola.

Quadros (1997, p. 16) afirma que: “sem se expressar através de um sistema complexo e rico, uma pessoa não tem condições de interagir social e cognitivamente com qualidade e com quantidade no seu meio”.

Quanto mais cedo a criança tiver contato com a Língua de Sinais, maior será a possibilidade de um desenvolvimento cognitivo adequado, sem defasagem em relação a sua idade. É a Língua de Sinais que dá suporte de pensamento a

peessoa surda, tornando-a capaz de repensar suas experiências estabelecendo relações de espaço e tempo, refletindo sobre elas e desenvolvendo sua capacidade de representação e abstração, dessa forma a criança surda terá condições de desenvolver cognitivamente, atingindo os mesmos níveis esperados pela criança ouvinte.

Quadros (1997, p. 50) aborda que:

Se há dispositivo de aquisição de linguagem – LAD – comum a todos os seres humanos que precisa ser associado mediante a experiência lingüística positiva, visível a criança surda, então a criança surda brasileira deve ter acesso a LIBRAS o quanto antes para acionar de forma natural esse dispositivo.

É importante que a língua se desenvolva em um ambiente lúdico e afetiva onde a aquisição se dará de maneira natural, um ambiente lingüístico em que a Língua dos Sinais seja considerada primeira língua, usada por todos nos diferentes espaços do ambiente escolar.

O trabalho de aquisição de língua, desenvolvido com as crianças demonstra a preocupação da escola com os primeiros anos escolares, que são fundamentais para o seu desenvolvimento, levando em conta que para muitas crianças esse será o primeiro contato com a Língua de sinais.

Assim, para que as diferentes crianças sejam atendidas de modo mais prazeroso e igualitário, no sentido de terem iguais oportunidades, será preciso inventar uma educação menos normalizadora, reguladora ou controladora, em que o tempo da infância seja um tempo de brincar, de se relacionar com diferentes culturas, de explorar e de viver intensamente as descobertas, libertando-se dos antigos moldes.

4.2 O olhar atento do professor nas brincadeiras de faz de conta

Pensar o espaço na Educação Infantil é uma necessidade que coloca para os educadores que atuam na área uma atenção redobrada a esses profissionais, pois o ambiente deve estar voltado para as crianças. Tendo em consideração que

para muitas crianças a instituição de Educação Infantil é o único lugar que elas possuem para viver sua infância.

Agostinho aborda que (2005 p.63);

Coloca-se como um desafio para nós profissionais da educação infantil, direcionar o foco de nossas observações nas crianças e na forma como elas ocupam o espaço, vendo como se relacionam com ele, tornando-o lugar, obtendo as possíveis pistas que elas mesmas nos fornecem para subsidiar a prática pedagógica para elas voltada.

O professor como mediador no processo da aprendizagem, precisa ter consciência da importância de sua formação continuada, precisa estar sempre inovando e buscando alternativas na sua prática pedagógica.

A sala de aula deve ser um ambiente lúdico, prazeroso, educativo e instigativo e que principalmente seja acolhedor.

As crianças surdas necessitam que o ambiente seja visual com cartazes coloridos que reforcem a aprendizagem. No entanto é importante que o professor sempre busque estratégias para enfatizar e reforçar suas aulas, fazendo com que seus alunos participem de todas as produções seja esta a confecção de um jogo ou um cartaz que será exposto.

Todo jogo, brinquedo e cartaz devem estar na altura da criança, para que essas possam se sentir integrado ao ambiente, tendo acesso a tudo que esteja a sua volta. O professor com esse olhar terá alunos mais confiantes e autônomos.

Assim, ao inserir a brincadeira em seu projeto educativo, deve ter em mente os objetivos a serem atingidos e as estratégias que serão utilizadas, sempre com a intenção de manter o aluno motivado e participativo em sala de aula.

Apesar de a brincadeira ser uma atividade espontânea nas crianças, não significa que o educador não precise ter uma atitude ativa sobre ela. Algumas funções o mediador precisa ter frente às brincadeiras. No entanto percebi que a brincadeira, em sala de aula, geralmente é utilizada como um “passa tempo” livre, sem o devido olhar do professor. Costuma ser uma atividade desvalorizada, característica da infância ainda não responsável.

O professor deve antes de tudo ser um facilitador da aprendizagem, criando condições para que as crianças explorem seus movimentos, manipulem materiais, interagem com seus companheiros e resolvam situações-problemas.

Com o ato brincar, espera-se que as relações entre as crianças possam contribuir nas atividades apresentadas pelos professores para enriquecer a dinâmica das relações sociais na sala de aula.

Cada dia na vida de uma criança é cheio de atividades e de novas situações de aprendizagem, a criança aprende vivendo, experimentando, fazendo descobertas, agindo, construindo seu conhecimento a partir da leitura que faz do mundo, ou seja, de sua realidade.

Quando se introduz uma brincadeira, a criança passa por uma fase de adaptação e reconhecimento, sendo interessante que ela o faça livremente, explorando todas as suas possibilidades, pois o brincar implica ação.

A brincadeira é uma atividade rica em estimulação e pode conter desafio necessário para provocar uma determinada aprendizagem ao liberar um potencial existente e como consequência, uma situação de descoberta, portanto o professor precisa estar atento aos sinais que os alunos dão quando brincam. É através dessas dicas que o educador obterá subsídios para planejar suas aulas, tendo em vista a necessidade que os seus alunos precisam.

Como estratégia de ensino o brincar propicia a aprendizagem, o ensino de um conteúdo ou de uma habilidade, por isso ao escolher uma brincadeira o educador tem que ter em mente o cumprimento deste objetivo.

Quando a criança vive isoladamente, as brincadeiras podem estimulá-las ao convívio no grupo, por isso é extremamente importante que os professores tenham conhecimento da importância do lúdico para o desenvolvimento da criança.

O professor deve valorizar as ações de cooperação e solidariedade, para que as brincadeiras não se tornem apenas competitivas, assim a criança desenvolverá sua autoconfiança respeitando suas limitações e possibilidades.

A situação ideal do ensino-aprendizagem é aquela em que as atividades são de tal maneira agradável e desafiadora que a criança a considere um brincar e

não obrigação como se vê na aprendizagem formal. O brincar não pode ser aleatório e desprovido de regras e conteúdos, pois o brincar pelo brincar não se mantém.

O educador tem que ter objetivos traçados, o que espera alcançar com determinadas brincadeiras, assim ele o apresenta como a metodologia mais adequada para ajudar o desempenho de suas tarefas, pois é inútil organizar um conteúdo para as crianças, levando em consideração os padrões de assimilação, pois a criança pensa diferente do adulto.

Para o professor a criança brincando na escola vai possibilitar o desenvolvimento do processo de aprendizagem e também uma situação em que a criança constitui tanto para a assimilação dos papéis sociais e compreensão das relações afetivas que ocorre em seu meio, como para a construção do conhecimento.

É necessário motivar os professores a participarem com mais frequência das brincadeiras que fazem parte do desenvolvimento intelectual e imaginário das crianças.

Na pré-escola a criança consegue lidar com a representação. É neste momento que começam a aparecer às brincadeiras envolvendo o imaginário, o faz-de-conta, onde um pedaço de madeira pode ser um carrinho ou um microfone, dependendo da imaginação e da situação de brinquedo que a criança está envolvida.

Os professores precisam estar conscientes que o brincar é muitas vezes estimular àquela criança que não tem nada em casa, e que pode reviver a aprendizagem de uma maneira mais satisfatória.

4.3 A Importância do lúdico como forma de aprendizagem na educação infantil de crianças surdas

Os jogos e as brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento e para a aprendizagem da criança, pois envolvem diversão e ao mesmo tempo uma postura de seriedade.

A brincadeira se torna a principal chave para a aquisição da Língua de Sinais, pois é através das trocas, nesses momentos informais que acontecem entre as crianças, que se teremos o desenvolvimento e o reconhecimento da Língua de Sinais e da cultura surda, na medida em que possibilitará a criança atribuir significado a novos sinais conforme forem surgindo, de maneira natural.

É pela atividade, referida corriqueiramente como brincadeira que a criança aprende a conhecer a si própria, as pessoas que a cercam, as relações entre as pessoas, os papéis que elas assumem. É através do lúdico que ela aprende sobre a natureza, os eventos sociais, a estrutura e a dinâmica interna de seu grupo. É através dele também que ela explora as características dos objetos físicos que a rodeiam e chega a compreender seu funcionamento. Os jogos se configuram nas inúmeras brincadeiras infantis que fazem parte da infância nas varias culturas.

A brincadeira é uma ponte para a realidade e que nós, adultos, através de uma brincadeira de criança, podemos compreender como ela vê e constrói o mundo, quais são as suas preocupações, que problemas ela sente, como ela gostaria que fosse a sua vida. Ela expressa o que teria dificuldade de colocar em palavras. Ou seja, brincar é a sua linguagem secreta que devemos respeitar mesmo que não a entendamos. (Bruno Bettelheim, apud Kamii,1991).

Os jogos no desenvolvimento infantil são, ora desempenhados individualmente, ora em duplas, ora em grupos maiores. Não há regras rígidas, há momentos em que é funcional para a criança realizar sozinha, em outros é a presença do parceiro que constitui a brincadeira. Esta liberdade de poder jogar deixa a criança livre para expressar seus sentimentos. As regras podem ser reinventadas pelos próprios jogadores.

Piaget citado por Macedo (2006 p.116) diz que “o jogo é essencialmente assimilação, ou assimilação predominando sobre acomodação”. Diz ainda que seja assimilação quase pura, quer dizer pensamento orientado pela preocupação dominante da satisfação individual.

Partindo de jogos e de brincadeiras tratadas de forma recreativa, o aluno evolui no domínio de seu corpo, desenvolvendo e aperfeiçoando as suas possibilidades de movimentos conscientes, conquistando novos espaços,

superando suas limitações e encarando novos desafios motores, cognitivos, sociais e afetivos.

O jogo, por exemplo, é insubstituível como parte integrante da educação. Não dar oportunidades ao aluno para brincar representa impedi-lo de trabalhar com os seus impulsos, aprendendo inclusive, a avaliá-los e controlá-los.

Este é uma forma de adquirir habilidades e conhecimento, jogando e brincando o aluno aprende as qualidades extrínsecas e intrínsecas dos diversos objetos sobre os quais atua, tais como: sua forma, seu tamanho, sua textura, sua cor, sua semelhança e suas diferenças. É jogando e brincando que o aluno descobre e desenvolve a sua criatividade e seu “eu”, podendo assim, estruturar e utilizar a sua personalidade integral.

Tem se, historicamente formada, uma cisão entre o lúdico e o pedagógico, entre o que é brincadeira e o que é estudo sério. Isso do ponto de vista dos adultos, porque para a criança é sempre uma atividade séria, na medida em que mobiliza suas possibilidades intelectuais e afetivas com um fim determinado.

O brinquedo possibilita o desenvolvimento integral da criança, já que ela se envolve afetivamente, convive socialmente e porá mentalmente; tudo isto de uma maneira envolvente, em que a criança despense energia, imagina, constrói normas e cria alternativas para resolver os imprevistos que surgem no ato de brincar. Este facilita a apreensão da realidade e é muito mais um processo do que um produto. Não é o fim de uma atividade ou o resultado de uma experiência. É ao mesmo, a atividade e a experiência, envolvendo a participação total do indivíduo.

Por ser essencialmente dinâmico, o brinquedo possibilita a emergência de comportamentos espontâneos e improvisados. Os padrões de desempenho e as normas podem ser criados pelos participantes; há liberdade para se tomar decisões.

O brinquedo e a essência da infância; é o veículo do crescimento, é um meio extremamente natural que possibilita a criança explorar o mundo, tanto quanto o do adulto, possibilitando-lhe descobrir-se e entender-se, conhecer os seus sentimentos, as suas idéias e a sua forma de reagir.

Através da atividade lúdica, a criança forma conceitos, seleciona idéias, estabelece relações lógicas, integra percepções, e faz estimativa compatível com o seu crescimento físico e o seu desenvolvimento. A brincadeira de faz de conta por seu caráter sócio-cultural propicia as crianças experimentar e treinar as convenções sociais.

E juntamente com estas operações, a atenção está sendo desenvolvida, o mesmo que ocorre com o respeito às relações espaciais e temporais. Brincar com materiais de construção permite a criança uma exploração mais aprofundada das propriedades e características associativas dos objetos, assim como de seus usos sociais e simbólicos.

Leontiev apud Goldfeld (1997) diz que para analisar a consciência da criança deve-se examinar sua real atividade para então compreender suas mudanças psíquicas e por fim analisar as conseqüências desta nova forma de consciência no desenvolvimento das futuras atividades.

É com esta idéia que ressalta o verdadeiro significado e representação da brincadeira para as crianças surdas. Nas brincadeiras, é que podemos perceber a compreensão que este aluno dá para os mais variados assuntos de seu dia-a-dia, assim como a compreensão que este aluno teve da aula.

Em algumas brincadeiras com regras fixas percebe-se que os alunos surdos sofrem para realizá-las, pois o atraso na linguagem muitas vezes dificulta a compreensão do processo. Isto é as regras representam uma grande dificuldade da criança surda com atraso de linguagem, mais uma vez, não só pela dificuldade de comunicação, como pelas dificuldades cognitivas de perceber relações, o contexto e o objetivo final da brincadeira que necessita de um planejamento.

Ressalta-se que a criança surda sofre grande dificuldade na função planejadora da linguagem, e sem esta função desenvolvida ela não pode criar estratégias para chegar a um determinado fim e nem tem consciência de que é possível haver uma organização e um planejamento da brincadeira.

O meio ambiente em que a criança encontra-se, a expressão corporal e todo o desenvolvimento de gestos e posturas, se reveste de uma enorme importância ao desenvolvimento infantil do surdo. Portanto através da atividade

lúdica, a criança forma conceitos, seleciona idéias, melhora a sua parte motora e se prepara para o futuro.

A criança ocupada em atividades por ela mesma escolhida revela elevado grau de atenção e interesse, como seqüência, obtém dela disciplina natural e direção da sua própria atividade, fatos altamente desejáveis a educação. Oferecendo, portanto atividades diversificadas obtêm disciplina natural, decorrendo da realização de atividades feitas com interesse.

O brincar com jogos de regras é uma atividade na qual a criança depende necessariamente da presença do outro, e devem ser organizados de maneira que todos se sintam capazes de brincar, estimulado para dar o máximo de si.

Os jogos com regras desenvolvem a auto-estima e descoberta de limites e possibilidades.

Todo jogo simbólico passa por uma representação social, é através da manipulação desses símbolos que a criança desperta suas imagens. O brinquedo, portanto aparece como suporte de aprendizagem para significações culturais é através dele que a criança expressa sua leitura de mundo, irá compor seus personagens, passará suas duvidas, angustias, prazeres, confrontará seus temores, ela estará vivendo a cultura que a cerca.

Brincar faz parte desta proposta por entender-se ser o lúdico uma característica fundamental do ser humano. Através do brincar a criança aprende, imagina, elabora e coloca em pratica suas fantasias e conhecimentos.

Segundo Vygotsky (1998 p. 114):

[...] o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a desejar, relacionando seus desejos a um "eu" fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se ao seu nível básico de ação real e moralidade.

Para que o brincar seja parte integrante da educação infantil faz-se necessário uma organização no tempo e no espaço da escola, criando-se ambientes propícios a brincadeira com brinquedos variados, objetos de uso cotidiano, materiais de construção, baseados em regras diretamente associadas à infância.

Por estas razões é que o brincar tem papel importante na educação infantil, pois através dele cria-se um espaço para que as crianças possam experimentar o mundo, interpretar e compreender de maneira ativa os comportamentos, usos, costumes e sentimentos do homem.

A linguagem do brincar da criança surda é um tema que tem recebido pouca atenção e que merece ser investigado, pois essa forma de comunicação é peculiar da infância, e sabemos o quanto é importante para a formação do sujeito e o quanto participa na construção da situação imaginária.

A criança surda ao brincar revela como compreende e interpreta uma cultura que é marcada pela oralidade. Para tanto é de fundamental relevância explicar que a brincadeira tem importância central no desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, pois é brincando que ela se envolve em um mundo ilusório em que tudo pode ser realizado (Silva, 2002).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo monográfico, considero que as reflexões aqui salientadas são de suma importância para que nós educadores possamos ter êxito em nossa prática pedagógica.

Neste trabalho foi apontada uma perceptiva sociocultural do lúdico, de forma geral, por entender que é a maneira mais propícia a criança ao convívio dos demais, consideraram-se alguns fatos relevantes da história da brincadeira, pois é importante que o professor tenha compreensão do percurso do ato de brincar ao longo dos tempos.

É importante refletir diariamente, quebrar barreiras, inovar nossos conceitos e atitudes. É necessário que o professor recrie em sua sala de aula um ambiente lúdico, espaços para brincar de boneca, carrinho e jogos. No pátio resgatar algumas brincadeiras, como pular amarelinha, brincar de piquenique, ovo-podre, polícia e ladrão ou outras brincadeiras antigas que podem ser recriadas.

O professor ao garantir a brincadeira aos seus alunos está consciente que é necessário um planejamento mesmo sendo brincadeira livre, pois é através desses momentos ricos de trocas sociais e afetivas que o educador poderá conhecer o seu aluno na sua melhor essência.

Quanto a aquisição da Língua de sinais em crianças surdas em idade pré-escolar é preciso que haja um vínculo afetivo para que a criança sinta-se segura e possa se expor na busca da construção do conhecimento. A criança aprende mais facilmente com quem confia e admira.

A relação baseada na confiança e no respeito colabora na construção da autonomia da criança, pois ela saberá que neste ambiente lhe é permitida arriscar-se e assim se sentirá mais segura e sua aprendizagem alcançará sucesso.

As relações de afeto permeiam todos os momentos do processo de aprendizagem, podendo agir positiva ou negativamente no mesmo, de acordo com a postura do professor. Um professor consciente somente tirará frutos desses momentos tão prazerosos que é o momento da brincadeira.

6. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, K. A. Creche e pré-escola é “lugar” de criança? In: FILHO, A. J. M. (Org.). **Criança pede respeito**: temas em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 63.

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

GOLDFELD, Marcia **A criança Surda**: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio-Interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Ed. Artes Medicas, Porto Alegre, 1997.

KAMII, Constance, DEVRIES, Rheta. - **Jogos em Grupo na Educação Infantil**: Implicação na Teoria de Piaget. Tradução de Marina C. D. Carrasqueira. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

MACEDO, Lino; Machado, Nilson; Arantes, Valéria. **Jogo e projeto**: Pontos e contrapontos. São Paulo: Sumus editorial, 2006.

SANTOS, Santa Marli P. dos (org). **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA D. N. H. **Como brincam as crianças surdas**. São Paulo: Plexus, 2002.

SKLIAR, Carlos. **Educação e as em exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VASCONCELOS, C. dos S. **Planejamento, plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo** : elementos para elaboração e realização. São Paulo: Libertad, 1995.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, Gisela. **O brincar na educação infantil**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, 1995. n.92, p. 62-69, fev.

_____. Gisela. **Brincar na Escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 48 v